

1. INTRODUÇÃO *

Muitas cidades devem aos seus escritores a eternização de suas belezas e até mesmo a descoberta de belezas prosaicas, não óbvias, nem exaltadas pelo senso comum.

Assim foi Machado que se apoderou do Rio como ninguém. Não tem como fugir: por todos os cantos do Rio há um Machado atravessando a rua. As lentes do Bruxo do Cosme Velho não deixaram escapar nada. Os costumes, a moral, a falta de moral, a elite e a ralé, a mediocridade, os grandes sonhos e os pequenos pecados, os palácios e as modestas construções, tudo foi visto, revisto e previsto por ele.

Ao longo do século, o olhar oblíquo de Machado colonizou o imaginário carioca e o Rio de Janeiro em que vivia e pelo qual se apaixonou. O menino passou a infância nas imediações do Morro do Livramento, circulou pela Gamboa, Saúde, Praia Formosa e São Cristóvão.

No início da adolescência, trabalhou próximo ao Cais Pharoux e mais tarde na Praça XV. Morou na Rua dos Andradas, Lapa, Laranjeiras e, finalmente, no Cosme Velho.

Sua obra - de qualidade incontestável - reflete esse passeio pela cidade. Portanto, nada mais apropriado do que essa justa homenagem da Cidade ao seu filho ilustre.

** Trecho do parecer da Conselheira Natércia Rossi, do Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural, relatora no processo de declaração da obra de Machado de Assis Patrimônio Cultural Carioca.*

2. IMPORTÂNCIA DE MACHADO DE ASSIS

2.1. Quem foi Machado de Assis

Machado de Assis é o escritor mais importante da literatura nacional do século XIX. Seus textos são referência não só no estilo da escrita, mas na formação da língua portuguesa no Brasil e no estabelecimento da memória do cotidiano urbano da cidade do Rio de Janeiro. Seu posicionamento político foi vital para a construção da identidade nacional de nosso povo. Sua obra é também consagrada no exterior - os textos de Machado de Assis já foram traduzidos para 25 idiomas diferentes e já foram publicados em 30 países.

Seu legado literário introduziu, na literatura latino-americana, um sentido de ruptura que se desdobra em duas direções diferentes: a questão estética de sua literatura e a questão sócio-histórica que trata dos modos de representação da nacionalidade brasileira. No presente texto, serão tratadas estas duas linhas de análise do autor.

Joaquim Maria Machado de Assis; jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo; nasceu em 21 de junho de 1839, em uma Chácara no Morro do Livramento, zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. Pobre, filho de um brasileiro mulato e de uma portuguesa açoriana, Machado é amparado por sua madrinha, senhora abastada e proprietária da chácara onde vivia. Não se sabe muito sobre sua infância, nem sobre seus estudos. No entanto, é sabido que Machado de Assis iniciou no trabalho muito cedo, para ajudar as finanças da família. Esse esforço para superar os entraves de uma sociedade quase estamental se perpetua por toda a sua carreira literária e de funcionário público.

Machado inicia sua carreira, ainda muito jovem, escrevendo e trabalhando como revisor em jornais e revistas - seu primeiro texto foi publicado na revista *Marmota Fluminense*, quando tinha apenas 15 anos. Ao longo de sua vida literária, Machado permanece contribuindo para diversos jornais e revistas.

É no período compreendido entre as décadas de 1870 e 1880 que Machado de Assis iria publicar seus contos da chamada "fase de compromisso" ou "fase convencional" - *Contos Fluminenses*, *Ressurreição*, *Histórias da meia noite*, *A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia*.

No ano de 1881, Machado de Assis publicaria seu texto mais importante, divisor de águas não só de sua obra, mas da literatura brasileira: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É a partir desta publicação que o autor atinge a maturidade do seu realismo de sondagem

moral. São outras obras desta fase: *Histórias sem data*, *Quincas Borba*, *Várias Histórias*, *Páginas recolhidas*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó*, *Relíquias da casa velha*, e *Memorial de Aires*.

Na segunda fase de sua obra, Machado expressa de maneira enfática o que havia expressado inicialmente em suas crônicas, as contradições da sociedade. Com *Brás Cubas*, o narrador muda de foco social e torna-se uma voz de camada social alta, capaz de enxergar as contradições necessárias para que permaneça superior.¹ No entanto, apesar de consciente dos mecanismos que o sustentam no poder, o narrador operava com escárnio diante dos mesmos. É deste lugar social que surgem o pessimismo e a negatividade presentes na obra de Machado, sintomas do contexto histórico da crise generalizada do poder vivida no século XIX, deslegitimado e questionado.

Machado viveu a glória em vida, celebrado e admirado por todos, antes mesmo de completar 50 anos². Com o prestígio social conquistado, o mulato do Morro do Livramento embranqueceu e foi aceito oficialmente como ícone literário por uma sociedade baseada em um regime escravocrata. Agora, sua origem proletária não era mais empecilho, como havia sido no início da carreira.

A partir da década de 1880, Machado passou a ocupar diversos cargos importantes na administração pública brasileira. Ao nomeá-lo escritor oficial da nação, o Estado tentou cooptá-lo e controlá-lo. Contudo, Machado deixou-se cooptar na superfície, mas manteve seus textos corrosivos, descarnando as relações e as funções ideológicas de uma sociedade estruturalmente contraditória. Desta maneira, ao tentar intimidá-lo, as classes dominantes foram obrigadas a ceder espaço para o debate dos conflitos de classe.

Em 1896, Machado participa ativamente da construção da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual se tornaria o primeiro presidente no ano de 1897. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, conhecida também como *Casa de Machado de Assis*.

Na madrugada de 29 de setembro de 1908, Machado falece, vítima de uma úlcera cancerosa, em sua casa, na companhia de seus amigos. Sobre sua morte, escreve Euclides da Cunha na edição do *Jornal do Comércio* de 30 de setembro de 1908, lamentando, em

¹ A burguesia escravocrata brasileira se torna moderna, no século XIX, sem modernizar a nação ou o sistema de produção da sociedade. Neste sentido, esta burguesia não representava nenhuma posição revolucionária, simplesmente adotava as formas exteriores do liberalismo.

² Com a morte de José de Alencar em 1877, Machado de Assis foi considerado, ainda em vida, substituto incontestado do autor.

seu artigo, que seu amigo *"morra em meio à timidez, em um cubículo de corações amigos"*... *"Um escritor da estatura de Machado de Assis só deverá extinguir-se dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional"*. Conta que, enquanto os amigos velavam o escritor, moribundo, *"passou na casa um desconhecido adolescente, que não conhecia ninguém, mas soube que o escritor estava em estado gravíssimo e fora visitá-lo. E o anônimo juvenil, vindo da noite, foi conduzido ao quarto do doente. Chegou. Não disse uma palavra. - Ajoelhou-se. Tomou a mão do mestre: beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-a depois por momentos ao peito. Levantou-se e sem dizer palavra, saiu. À porta, José Veríssimo perguntou-lhe o nome. Disse-lho. Mas ele deve ficar anônimo. Qualquer que seja o destino desta criança, ele nunca mais subirá tanto na vida. Naquele momento o seu coração bateu sozinho pela alma de uma nacionalidade. Naquele meio segundo - no meio segundo em que ele estreitou o peito moribundo de Machado de Assis, aquele menino foi o maior homem de sua terra"*.

2.2. Machado e a formação da nacionalidade brasileira

A discussão sobre a definição de uma nacionalidade brasileira permeou todo o século XIX. O estabelecimento desta questão nas discussões intelectuais da época foi iniciado por fatores tais como a chegada da Família Real portuguesa, a abertura dos portos para as nações amigas, a conseqüente mudança de status de colônia para sede do Império Ultramarino, a Proclamação da Independência, a abolição do trabalho escravo e, finalmente, a República. Estas transformações modificaram de maneira estrutural a identidade do brasileiro, desencadeando um longo debate sobre a nacionalidade que só se resolveria em meados do século XIX.

Este debate transitou por diversas áreas de conhecimento. Na área da literatura, Machado de Assis é um importante referencial desta questão, cujo debate era uma constância inalterável em seu trabalho. Esta é uma das principais razões pelas quais sua obra é o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira.

Machado de Assis viveu e participou do drama da formação da nacionalidade, não só por ser um dos escritores mais importantes da geração de 1870³, mas também por seu

³ A chamada Geração de 1870 foi formada por intelectuais principalmente do Rio de Janeiro e da "Escola de Recife" que buscaram e militaram, em suas obras, pelo estabelecimento de uma literatura nacional.

nascimento pobre, que permitiu que o autor observasse melhor a fragilidade de uma nacionalidade ameaçada por suas contradições.

Com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, marco referencial na mudança de seu posicionamento político, Machado realizou uma revolução ideológica que afirmou seu desprezo às idealizações românticas⁴. Ao destruir o mito do narrador onisciente, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. A partir de *Brás Cubas*, não há mais heróis a cumprir grandes missões, apenas destinos comuns, sem qualquer grandeza.

Machado não envolve seus textos nas idéias racistas da ciência positivista, adotada pela maior parte da intelectualidade brasileira do XIX⁵. Ao contrário. Em sua prosa, Machado distingue claramente conceitos como *natural* e *cultural*⁶, possibilitando assim, a denúncia dos modelos sociais vigentes na sociedade brasileira. Desta maneira, Machado estabelece

⁴ A primeira expressão da busca da nacionalidade brasileira na literatura acontece no Romantismo. Este movimento literário se utilizou de configurações mentais paralelas às respostas que estavam sendo utilizadas pela intelectualidade europeia para resolver seus conflitos ideológicos.

A Europa do século XIX viveu a formação dos Estados nacionais e, conseqüentemente, o debate sobre a definição do povo de cada um destes Estados. O eu romântico, incapaz de resolver os conflitos que tinha com a sociedade, lançava-se, então, à evasão ao passado idealizado como perfeito. Neste sentido, a solução encontrada pela intelectualidade europeia foi a busca do elemento definidor da nacionalidade no passado medieval, tratado por estes intelectuais como mítico.

Uma vez que não possuíamos aqui um passado medieval, nossa referência mítica foi estabelecida na figura do índio, nosso cavaleiro do medievo. A escolha do indianismo também se alinhava a outros valores românticos, tais como o retorno à mãe-natureza e o mito do bom selvagem - este elaborado pelo filósofo francês Jean Jacques Rousseau.

Na segunda metade do século XIX, os ideais românticos já não eram mais capazes de resolver as contradições, cada vez maiores, da sociedade brasileira do Segundo Império. Em conseqüência, a interpretação romântica passa a ser contestada, principalmente nas décadas de 1870 e 1880, pelo movimento literário que viria a ser conhecido como Realismo.

Esta mudança de visão esteve intimamente conectada às transformações econômicas de um Brasil cada vez mais em crise: a partir da década de 1850 é extinto o tráfico negreiro, a decadência da econômica açucareira se acentua e são iniciadas as práticas capitalistas na colônia - em outras palavras, o regime escravocrata e as instituições políticas que o sustentavam, até mesmo a monarquia, se tornam cada vez mais frágeis. Todas estas transformações compunham um quadro que propiciava a ascensão de idéias liberais, abolicionistas e republicanas, muito presentes na literatura do Realismo.

Em paralelo à adoção das idéias liberais, a filosofia positiva e o evolucionismo também eram abraçadas pela inteligência nacional. A primeira transposição desta realidade cientificista em termos de consciência cultural foi feita pela "Escola de Recife", cujos expoentes mais importantes são Tobias Barreto e Silvio Romero. Este último se tornaria, ao final do século XIX, o maior crítico e rival de Machado de Assis - Romero criticava a suposta indiferença de Machado à vida social e política do país.

⁵ Machado realiza, em sua obra, uma crítica à filosofia naturalista que defendia que, para se construir uma crítica literária, era necessário conhecer o meio físico e as raças - os romances e os poemas eram explicados pela terra e pelo clima.

⁶ O pensamento cientificista do século XIX aproximava estes dois conceitos, considerando biológicos, aspectos culturais das sociedades.

com a tradição uma relação de paródia, possibilitando o surgimento de um texto novo, cuja marca principal seria a excentricidade.

"Esclarecer o espírito do povo, de modo a fazer idéias e convicções disso que ainda lhe não passa de instintos, é, por assim dizer, formar o povo". (MACHADO DE ASSIS, Crônicas, in PEREIRA, Astrojildo, 1982, p.389).

Machado de Assis também batalhou pelo estabelecimento da nacionalidade brasileira fora de suas publicações de ficção. Seu texto mais importante sobre este debate é *Instinto de Nacionalidade*, originalmente publicado em *O Novo Mundo*, em 24 de março de 1873.

Neste artigo, Machado se posiciona claramente em oposição às práticas românticas ao negar o reconhecimento da nacionalidade na figura exclusiva do índio. Apesar de reconhecer seu valor enquanto cultura, nega seu estabelecimento como eixo centralizador da literatura nacional.

Àqueles que defendiam que as obras verdadeiramente nacionais deveriam, necessariamente, tratar de assuntos locais, argumenta questionando onde se encontram as referências à história inglesa no cenário das obras de Shakespeare, tais como Romeu e Julieta, Hamlet e Julio César.

Se contrapondo ao ideal romântico, Machado descarta a atribuição da natureza como a característica maior do nacional⁷. *"A Machado de Assis interessou o espetáculo e não o cenário"* (FACIOLI, 1982, p.47). Ao intuir o nacional para além do localismo cultural, Machado estabelece o nacional como resultado da relação dialética da divisão internacional de trabalho.

Consciente de sua posição política, escreveu romances nos quais buscou refletir a cor local e a vida nacional em suas diferentes feições. Concomitantemente, militou para a construção de uma expressão brasileira da língua portuguesa, buscando tanto os clássicos quanto o linguajar comum, fixando, desta maneira, a própria feição do falar brasileiro. Criticou ferrenhamente o afrancesamento da língua, vigente na época.

"O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu

⁷ A primeira mudança no discurso estabelecida pelo realismo é a mudança no tom: o processo crítico da literatura realista substitui o processo ideo-afetivo do romantismo. O distanciamento do ambiente da natureza em prol do urbano é conseqüência do espaço cada vez maior que o pensamento cientificista ocupava.

país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço". (MACHADO DE ASSIS, 1873, P.817).

2.3. A urbanidade da obra de Machado

O interesse de Machado de Assis pela sociedade, pela história e pela política brasileira é condição essencial para sua grandeza e originalidade. Seus textos possuem uma íntima ligação entre literatura, realidade social e história.

Machado, além de sua genialidade própria, é diferente dos escritores de seu tempo também porque não buscou o elemento típico, como outros, mas seguiu em seus textos o ritmo da vida política e social das classes. Desta maneira, o urbanismo e urbanidade de seus personagens são registro do cotidiano das cidades à época de Pedro II⁸.

Machado comenta acontecimentos de relevância para a história política nacional com a naturalidade de que conta um episódio corriqueiro de seus enredos. Em *Memorial de Aires*, Machado comenta a indignação do pai de uma de suas personagens principais, Fidélia, ao constatar o risco de ter sua propriedade privada usurpada por uma ação do Estado - no caso a libertação dos escravos. De maneira a marcar sua indignação com tal atitude, o fazendeiro Santa-Pia, alforria todos seus escravos, antes mesmo da abolição da escravidão. É impressionante como, no texto, um debate vital para a época como o abolicionismo, é tratado de maneira quase anedótica. Isto é uma das conseqüências da modificação que Machado faz no narrador da história: figura da alta aristocracia carioca consciente dos mecanismos da luta de classes e confortável com eles.

Em outros momentos, Machado trata de acontecimentos que interpreta como conquistas nacionais, com a graça de quem conta uma história de amor. É o caso da noite em que seu personagem Brás Cubas - figura central do livro - se apaixona pela primeira vez. Ao tratar desta paixão, Machado intercala os sentimentos de Cubas com a proclamação da independência.

"Via-a pela primeira vez, no Rossio Grande, na noite das luminárias, logo que constou a declaração da independência, um amanhecer da alma pública. Éramos dois rapazes, o povo e eu;

⁸ A época de Machado de Assis também corresponde ao início do desenvolvimento da sociedade urbana no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Desta maneira, não é sem razão que a rua representa um importante papel nos romances de Machado. Nas palavras do próprio autor, "*as ruas faziam parte de minha pessoa*" (MACHADO DE ASSIS, *Eterno* in BASTIDE, 1940, p. 11).

vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude". (MACHADO DE ASSIS, s.d., p. 32).

Em outros momentos, Machado se atém mais à descrição e exaltação da cidade, do que ao relato de acontecimentos. Na obra de Machado de Assis, a cidade do Rio de Janeiro não era somente pano de fundo ou cenário, mas personagem. Sua visão da cidade não era sentimental, nem pitoresca. Para Machado, o Rio de Janeiro era uma realidade humana.

Um exemplo é a homenagem que o autor faz à Rua do Ouvidor, a qual define como verdadeira artéria da cidade.

"A Rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. A certas horas do dia pode a fúria celeste destruir a cidade; se conservar a Rua do Ouvidor, conserva Noé, a família e o mais. Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloqüente que exprime todos os sentimentos e todas as idéias ...". (MACHADO DE ASSIS, *Tempo de Crise - Contos Avulsos* in CARRER et al, 1999, p.35).

Já em *Quincas Borba*, Machado insere na história a região onde nasceu. O personagem Rubião, após um passeio pelos bairros Saúde e da Gamboa, exclama:

"Dei uma caminhada grande; mas, sim, senhor, isto aqui é bonito, é curioso; aquelas praias, aquelas ruas, é diferente dos outros bairros. Gosto disso. Hei de vir mais vezes". (MACHADO DE ASSIS, *Quincas Borba*).

Em *Dom Casmurro*, Machado ultrapassa a mera descrição da cidade e relaciona diferentes regiões da cidade com a temporalidade da narrativa. Sendo assim, a Rua Matacavalos (atual Riachuelo) é relacionada a um passado feliz, onde Bentinho (narrador) conheceu Capitu, sua amada. É também lá que o personagem constrói, ao final do livro, uma casa, como uma tentativa final de reaver a felicidade perdida.

Ainda em *Dom Casmurro*, Machado explora a relação da cidade com o mar - que se tornaria central na identidade do Rio de Janeiro do século XX. Capitu, personagem central do polêmico triângulo amoroso, possui "olhos de ressaca", a mesma ressaca que iria afogar Escobar, causa do ciúme do narrador. Machado chega a nomear um dos capítulos onde trataria deste conflito *Ciúmes do Mar*.

E, finalmente, no trecho da história na qual Bentinho cogita a possibilidade de suicídio, Machado deixa escapar seu amor ao Rio de Janeiro. Bentinho não lamenta a saudade que sentiria das pessoas, até mesmo de seu filho, mas lamenta não mais ver a cidade.

"Vaguei pelas ruas o resto da noite. Ceei, é verdade, um quase nada, mas o bastante para ir até à manhã. Vi as últimas horas da noite e as primeiras do dia, vi os derradeiros passeadores e os primeiros varredores, as primeiras carroças, os primeiros ruídos, os primeiros albores, um dia que vinha depois do outro e me veria ir para nunca mais voltar. As ruas que eu andava como que me fugiam por si mesmas. Não tornaria a contemplar o mar da Glória, nem a serra dos Órgãos, nem a fortaleza de Santa Cruz e as outras. A gente que passava não era tanta, como nos dias comuns da semana, mas era já numerosa e ia a algum trabalho, que repetiria depois; eu é que não repetiria mais nada". (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.142).

2.4. Machado e a memória

"... mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico. Não de lê-lo a frio; estudar-se-á nele a vida íntima do nosso tempo, a maneira de amar, a de compor os ministérios e deitá-los abaixo, se as mulheres eram mais animosas que dissimuladas, como é que se faziam eleições e galanteios, se eram usados xales ou capas, que veículos tínhamos, se os relógios eram trazidos à direita ou à esquerda, e multidão de coisas interessantes para nossa história pública e íntima. Daí a esperança que me fica, de não ser condenado absolutamente pela consciência dos que me lêem". (MACHADO DE ASSIS, Eterno, in CARRER et al, 1999, p.9).

O conceito de historicidade é um conceito inovador que representou um papel importantíssimo na renovação da teoria da ciência na segunda metade do século. A historicidade refuta o conceito de sociedades sem história, inserindo a própria história em uma perspectiva histórica. Este conceito, intuído por Machado de Assis, permitiu a inclusão

de novos objetos como a literatura no campo de estudo da história, ampliando os horizontes históricos para o que seria nomeada, posteriormente, história da cultura.

Como visto no presente texto, Machado de Assis se posicionou política e literariamente contra a utilização do exótico na construção da nacionalidade ao afirmar que o nacional literário se encontrava em escrever de maneira brasileira e não na exaltação da paisagem natural. Durante sua busca pela brasilidade, Machado encontrou como sua fonte principal a vida urbana da cidade do Rio de Janeiro e, ao transpor para sua obra as relações sociais vigentes então, compôs uma expressão literária de uma sociedade dividida e contraditória.

Em consequência desta busca, Machado de Assis pode reivindicar para si o melhor do legado do século XIX: o sentimento de historicidade. É neste aspecto que se encontra sua maior genialidade: Machado, ao escrever como o homem de seu tempo, reconheceu e registrou o genuíno homem de seu tempo (SCHWARZ, 1990) e é por esta razão que ele se torna de imensa importância para a construção de uma memória carioca.

Machado de Assis, definitivamente, é um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Não só pela beleza de seu estilo de escrita, mas pelo posicionamento político que assumiu, dentro e fora de suas obras. Por todos os aspectos apresentados, a obra de Machado de Assis é de importância incontestável, ainda hoje, na construção da identidade, da memória e da cidadania, não só do carioca, mas de todo o povo brasileiro.

3. UMA BIOGRAFIA MAIS EXTENSA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. Filho de um brasileiro mulato e uma portuguesa da Ilha de São Miguel em Açores - Francisco José de Assis, pintor, e Maria Leopoldina Machado de Assis, lavadeira⁹; respectivamente. Ainda na infância, Machado perde sua mãe muito cedo, em 1849, e, é amparado até o segundo casamento de seu pai, por sua madrinha, senhora abastada e proprietária da chácara onde vivia - Maria José de Mendonça Barroso Pereira, viúva do brigadeiro Bento Barroso Pereira¹⁰. Machado permanece na Chácara do Morro do Livramento até seus 15 anos. Por volta de 1850, seu pai casa-se novamente, agora com Maria Inês da Silva, e a família se muda para São Cristóvão.

Não se sabe muito sobre sua infância, nem sobre seus estudos. No entanto, é sabido que Machado de Assis iniciou no trabalho muito cedo, para ajudar as finanças da família. Esse esforço se perpetua por toda a sua carreira literária e de funcionário público. O esforço necessário para transitar pelas camadas sociais de uma sociedade escravocrata, praticamente estamental, é notável.

O primeiro texto publicado de Machado de Assis foi o poema "Ela" na *Marmota Fluminense* no dia 12 de janeiro de 1855. A parceria com o editor Paula Brito permanece na vida de Machado por bastante tempo e sua colaboração na revista perdura até o ano de 1861. Em 1856, Machado começa a trabalhar como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional, onde permanece até 1858. Aí conhece e se torna amigo de Manuel Antônio de Almeida¹¹.

Em 1858, volta a trabalhar como revisor para Paula Brito em sua tipografia e livraria. Lá, entra em contato com jovens poetas e escritores como Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo, Pedro Luís e Quintino Bocaiúva. Ainda neste ano, desde 25 de outubro, até 1 de março de 1868, Machado inicia sua colaboração, apesar de irregular, no jornal *Correio Mercantil*, onde também trabalha como revisor. De 11 de abril de 1858 a 26 de junho de

⁹ Há controvérsias quanto à origem humilde da mãe de Machado de Assis. Para maiores esclarecimentos, ver FONSECA (1960).

¹⁰ Bento Barroso Pereira era figura de grande relevância no cenário político da primeira metade do século XIX. Foi duas vezes Senador do Império, duas vezes Ministro da Guerra e uma vez Ministro da Marinha.

¹¹ Manuel Antonio de Almeida, importante escritor brasileiro, pertencente ao período romântico, mas escreve com realismo. Sua obra mais famosa é *As Memórias de um sargento de milícias*, publicado em 1852..

1859, escreve em *O Paraíba*, jornal da cidade de Petrópolis. Durante o mesmo período, auxilia o escritor francês Charles de Ribeyrolles na tradução de *O Brasil Pitoresco*.

Em 1859, Machado estréia como crítico teatral na revista *O Espelho*. Sua colaboração nesta revista perdura até o ano seguinte. Em 1860, Machado é convidado por Quintino Bocaiúva a ser redator do jornal liberal *Diário do Rio de Janeiro*, escrevendo esporadicamente no jornal até 30 de julho de 1869. Em 16 de dezembro do mesmo ano, inicia seu trabalho como redator de *A Semana Ilustrada*, trabalho que exerce até 4 de julho de 1875. Ainda em 1860, com a melhora das finanças, passa a dividir um sobrado na Rua Matacavalos (atual Riachuelo) com o amigo Francisco Ramos Paz.¹²

Em 1861, Paula Brito publica uma comédia de Machado chamada *Desencantos* e uma sátira em prosa, traduzida por Machado, chamada *Queda que as mulheres têm para os tolos*.

Machado é admitido, em 31 de dezembro de 1862, como sócio do Conservatório Dramático Brasileiro, onde trabalha como auxiliar de censura. De 15 de setembro de 1862 até 1º de julho de 1863, Machado escreve em todos os números da revista *O Futuro*.

Em 1863, Machado publica duas comédias¹³ pela Tipografia do Diário do Rio: *O caminho da porta* e *O protocolo*. Em julho deste ano inicia sua colaboração no *Jornal das Famílias*, que perdura até 1878 (com exceção no período entre 1867 e 1868). Neste jornal, publica, em sua maioria, contos.

Em 1864, Machado de Assis faz uma das poucas viagens da sua vida: vai até Barra do Piraí pela Estrada de Ferro D. Pedro II. Neste mesmo ano, publica seu primeiro livro de versos, *Crisálidas*, pela B. L. Garnier e mais uma comédia teatral, *Quase ministro*, pela Tipografia da Escola do Editor Serafim Jose Alves.

Quintino Bocaiúva, amigo do jornal republicano *O Globo*, faz uma dura crítica às peças teatrais de Machado: afirma que elas são mais adequadas à leitura em gabinete do que à encenação. Machado parece aceitar a crítica e, a partir de 1865, renuncia à produção teatral e passa a se dedicar à tradução. É provável que a crítica de Bocaiúva não seja a única razão para o abandono do gênero literário, mas também a melhor remuneração que a tradução provinha - entre os anos de 1865 e 1868, Machado traduz oito peças.

¹² Francisco Ramos Paz foi um bibliófilo e filólogo português. Foi amigo de estudos e trabalho de Machado de Assis.

¹³ É na década de 1860 que Machado de Assis irá publicar quase todas as suas comédias.

Em 1866, chega ao Rio de Janeiro Carolina Augusta Xavier de Novais, portuguesa de boa cultura, irmã do poeta Faustino Xavier de Novais, com que Machado casaria alguns anos depois.¹⁴ Ainda no mesmo ano, Machado de Assis publica, pela Tipografia Imperial Instituto Artístico, a comédia *Os deuses de casaca* e a tradução do texto de Victor Hugo *Os trabalhadores do mar*, pela Tipografia Perseverança.

Em 1867, Machado é nomeado ajudante do diretor do *Diário Oficial*, cargo onde permanece até 1874. É também agraciado com a Ordem da Rosa¹⁵, no grau de cavaleiro. Em 1868, José de Alencar, em carta aberta publicada no *Correio Mercantil*, pede a Machado de Assis que se torne o guia no mundo das letras do jovem poeta Castro Alves¹⁶ - neste momento, Machado já era um crítico consagrado.

Em 12 de novembro de 1869, Machado de Assis se casa com Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem permaneceria casado até a morte.¹⁷ Machado e Carolina vão morar em um sobrado na Rua dos Andradas nº. 119, Centro.

Em 1870, a Editora B. L. Garnier publica o livro de poesias *Falenas* e o livro de contos *Contos Fluminenses*, ambos publicados em dezembro. Ainda em 1870, inicia no *Jornal da Tarde* uma tradução que viria a ser interrompida do romance de Dickens, *Oliver Twist*.

Em 4 de janeiro de 1871, Machado de Assis é nomeado membro do Conservatório Dramático e se muda para o segundo andar da Rua Santa Luzia nº. 54, Centro. Em 1872, publica o romance *Ressurreição*, pela Editora B. L. Garnier e se integra à Comissão do Dicionário Marítimo Brasileiro

Em 1873, é publicado pela Editora B. L. Garnier, seu segundo livro de contos *Histórias da meia-noite*. Publica também, na revista *O novo mundo*, em 24 de março, um dos seus ensaios críticos mais importantes: *Instinto de nacionalidade*. Em 31 de dezembro do mesmo ano é nomeado primeiro-oficial da Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

¹⁴ Carolina e seus irmãos, ao chegarem ao Brasil, vão morar com a família da Condessa de São Mamede, na Rua Cosme Velho nº. 20. Posteriormente, em 1884, Machado e Carolina iriam se mudar para a casa vizinha à família, na Rua Cosme Velho, 18.

¹⁵ Ordem honorífica brasileira criada em 1829 pelo imperador D. Pedro I.

¹⁶ Castro Alves, poeta romântico famoso por seu poema *Navio Negreiro*.

¹⁷ O jovem casal se casa na capela da residência da família da Condessa de São Mamede, na Rua Cosme Velho nº. 20.

Em 1874 publica pelo Editor Gomes de Oliveira, seu segundo romance *A mão e a luva* - inicialmente o romance foi publicado em partes no jornal republicano de Quintino Bocaiúva, *O Globo*. Ainda neste ano, Machado se muda para a Rua da Lapa nº. 96, Lapa.

Em 1875, é publicado pela Editora B. L. Garnier seu terceiro livro de poesias, *Americanas*. De julho de 1876 a abril de 1878, Machado de Assis escreve em todos os números da revista *Ilustração Brasileira*. De agosto a setembro de 1876, publica na revista *O Globo* o romance *Helena*. O romance é publicado no mesmo ano, pela B. L. Garnier. Em 7 de dezembro de 1875, Machado é promovido a chefe de seção da Secretaria de Agricultura e se muda para a Rua das Laranjeiras nº. 4, em Laranjeiras.

Seu quarto romance, *Iaiá Garcia*, é publicado pela Editora G. Vianna em 1878. O mesmo romance havia sido publicado, inicialmente, na revista *O Cruzeiro*. Em dezembro de 1878, Machado adoece e segue, com Carolina, para Friburgo, onde fica em recuperação até março de 1879. Em 1878, Machado se muda para a Rua do Catete nº. 284, Catete.¹⁸

De junho de 1879 a dezembro de 1880. Machado escreve na *Revista Brasileira*, onde publica em capítulos - de 15 de março a 15 de dezembro -, entre outros trabalhos, seu texto mais importante, divisor de águas não só em sua obra, mas na literatura brasileira: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. É a partir desta publicação que o autor atinge a maturidade do seu realismo de sondagem moral. São outras obras deste período: *Histórias sem data*, *Quincas Borba*, *Várias Histórias*, *Páginas recolhidas*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó*, *Relíquias da casa velha*, e *Memorial de Aires*. De julho deste ano até março do ano seguinte, escreve na revista *A Estação*. Nesta revista, Machado publica outro de seus mais importantes trabalhos: o romance *Quincas Borba*.

Em fevereiro 1880, Machado de Assis entra de licença para se recuperar de uma séria doença nos olhos, da qual não iria se recuperar totalmente, além de uma série de outras doenças, provavelmente decorrentes do elevado nível de estresse ao qual o autor se submeteu durante toda sua vida. Machado sofre de infecção intestinal com risco de degeneração para uma tísica mesentérica e do aumento considerável de suas crises epiléticas. Durante sua recuperação, viaja novamente a Friburgo com sua esposa, no que seriam as primeiras férias de sua vida.

¹⁸ MAGALHÃES JR. informa que o endereço onde o autor morou é Rua do Catete, nº. 206. No entanto, foi identificado no acervo da ABL um telegrama enviado pelo então Ministro da Agricultura, Manuel Buarque de Macedo, com data de 1880, para o endereço Rua do Catete, nº. 284.

Em março do mesmo ano, é designado oficial-de-gabinete do Ministro da Agricultura, Manuel Buarque de Macedo. Quando da saída desse, Machado permanece no cargo, atendendo a Pedro Luis Pereira de Sousa. Ainda em 1880, a comédia *Tu só, tu, puro amor...* É encenada no Teatro de D. Pedro II durante a comemoração do tricentenário de Camões, organizada pelo Real Gabinete Português de Leitura - a peça havia sido escrita especialmente para esta comemoração. No ano seguinte, 1881, o texto seria publicado pela Lombaerts e Cia.

Em 1881, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é publicado em livro pela Tipografia Nacional. De dezembro deste ano até fevereiro do ano seguinte, Machado escreve com assiduidade na *Gazeta de Notícias*. Ainda que com menor frequência no período posterior a 1882, sua colaboração nesse jornal perdura até o ano de 1904.

Em 1882, é publicado seu terceiro livro de contos, *Papéis Avulsos*, pela Lombaerts e Cia. - nesta publicação se encontra um dos mais famosos de seus textos, o conto *O Alienista*. É no ano de 1883 que o casal se muda para o famoso endereço Rua Cosme Velho, nº. 18¹⁹ - onde morariam até a morte.

Em 1884, publica *Histórias sem data*, pela B. L. Garnier e em 1886, é editado o volume *Terras, Compilação para estudo*, redigido pelo autor. Em 20 de maio de 1888, Machado é nomeado, por decreto imperial, oficial da Ordem da Rosa. Esta nomeação é um dos motivos pelo qual ele não manifestará opinião a respeito da Abolição da Escravatura.

Em 30 de março de 1889, Machado é promovido a diretor da Diretoria do Comércio, na Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Em 1891, é publicado, pela B. L. Garnier, o romance *Quincas Borba* - o texto havia sido publicado inicialmente, em capítulos, na revista *A Estação*. Em 1892, Machado é nomeado diretor-geral do Ministério da Aviação. De dezembro de 1895 a outubro de 1898, Machado escreve na *Revista Brasileira*.

Em 1896, é publicado pela Laemmert & C. o livro de contos *Várias Histórias*. Neste ano, Machado participa ativamente da construção da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual se tornaria o primeiro presidente no ano de 1897. É o fundador da Cadeira nº. 23

¹⁹ O nº. 18 era um dos imóveis pertencentes à Condessa de São Mamede que Miguel de Novais, irmão de Carolina, se torna administrador ao se casar com a proprietária. Estes imóveis eram oito e ocupavam o trecho par da Rua Cosme Velho, do nº. 4 ao nº. 18. OBS.: Em 1883 este imóvel correspondia ao nº. 14. Optou-se por manter o nº. 18 no texto por ser este o endereço mais conhecido do autor.

da Academia Brasileira de Letras. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também *Casa de Machado de Assis*.

No ano de 1898, devido à reforma no Ministério da Viação, Machado é afastado do cargo. Ainda no mesmo ano, volta como secretário do Ministro Severino Vieira, cargo que continuará a ocupar com Epiácio Pessoa e Alfredo Maia.

Em 1899, é publicado o romance *Dom Casmurro* e o livro de contos, ensaios e teatro *Páginas Recolhidas*, ambos pela H. Garnier. Em 1901, é publicado, também pela H. Garnier, *Poesias Completas* que compreende três de seus livros de versos anteriores: *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, além da coletânea *Ocidentais*, inédita até então.

Em 1902, Machado se torna diretor da Secretaria da Indústria, no Ministério da Viação. Em dezembro do mesmo ano, torna-se diretor-geral de contabilidade no mesmo ministério.

Em 1904, publica pela H. Garnier o romance *Esaú e Jacó*. Em janeiro do mesmo ano, o casal segue para Friburgo na tentativa de recuperação da saúde cada vez mais frágil de sua esposa, Carolina. Carolina morre de câncer no intestino na sua casa, na Rua Cosme Velho nº. 18, em 20 de outubro de 1904, após 35 anos de casados.

Em 1906, é publicado o livro de contos *Relíquias de Casa Velha* pela H. Garnier Livreiro-Editor, no qual consta um soneto em homenagem a sua falecida esposa, *A Carolina*.

Em 1908, publica seu nono e último romance, *Memorial de Aires*, pela H. Garnier, no qual faz uma homenagem póstuma a sua falecida esposa na personagem D. Carmo. Em julho, sua saúde piora e Machado entra em licença para tratamento. Na madrugada de 29 de setembro, Machado falece, na companhia de seus amigos, vítima de uma úlcera cancerosa.

Seu enterro não foi tão modesto quanto seu falecimento. O cortejo fúnebre partiu de sua casa com cerca de 70 pessoas. Machado de Assis foi enterrado no jazigo perpétuo 1359, junto à sepultura de sua esposa Carolina, no Cemitério São João Batista.

4. RESIDÊNCIAS DE MACHADO DE ASSIS

A fim de identificar os imóveis nos quais Machado de Assis habitou ao longo de sua vida, foram consultados diversos biógrafos: Ubiratan Machado, Raymundo Guimarães Jr., Alfredo Pujol, Lúcia Miguel-Pereira, L. Viana Filho e Gondin da Fonseca, além de fontes primárias como os documentos do próprio autor (pertencentes ao acervo da ABL) e o *Almanak Laemmert*.

O presente texto está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, a descrição do processo de identificação dos endereços; em seguida, a tentativa de identificação da localização atual destes imóveis para, finalmente, realizarmos um levantamento fotográfico e uma pequena descrição arquitetônica das construções encontradas.

As informações levantadas nesta pesquisa podem ser resumidas na linha do tempo abaixo. As imagens referem-se aos endereços atuais, com exceção das figuras que ilustram o Morro do Livramento, a Rua Matacavalos (atual Rua Riachuelo) e a Rua Cosme Velho.

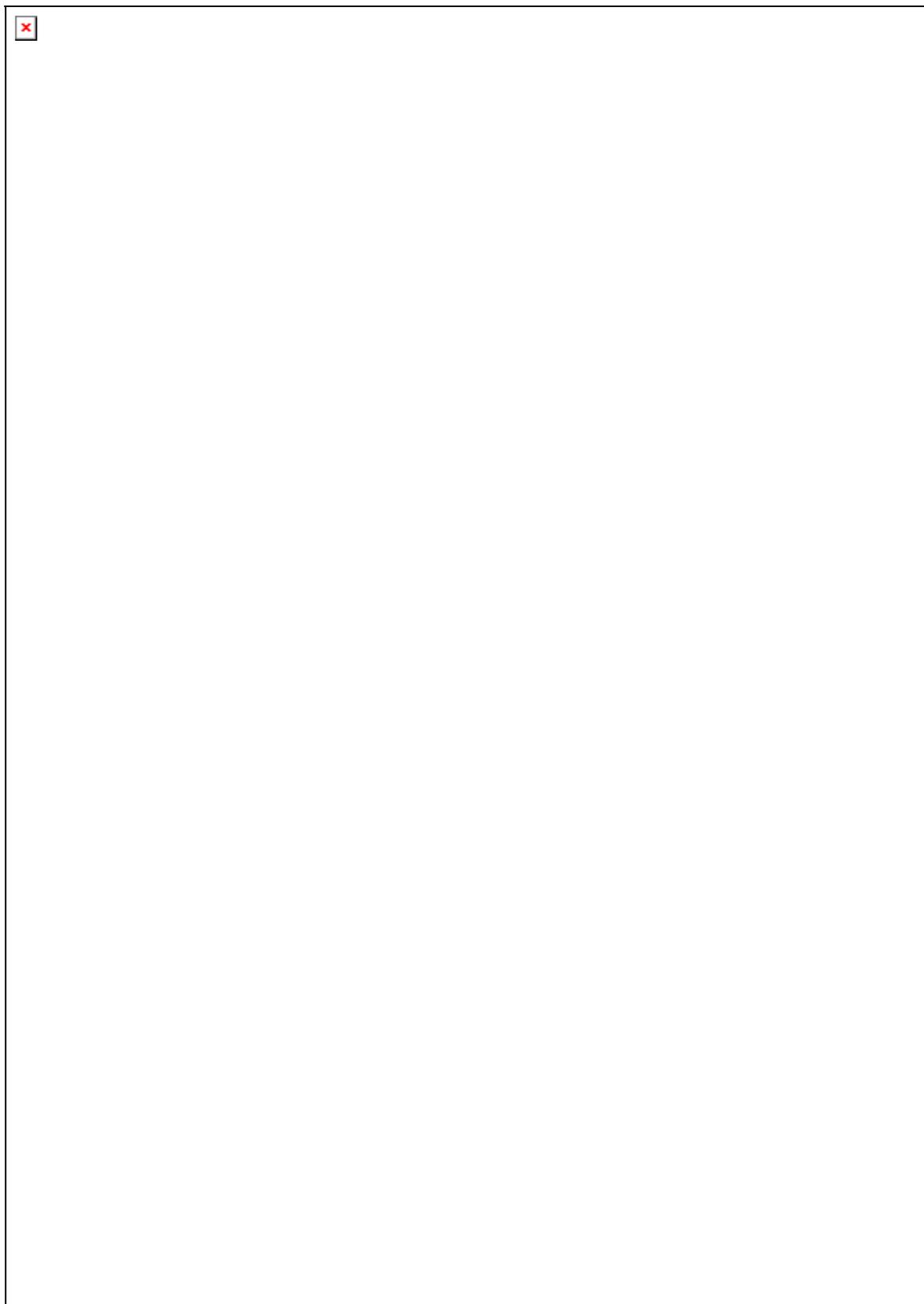


Figura 1 - Linha do tempo.

4.1. A identificação dos endereços

Uma das maiores dificuldades encontradas durante a identificação dos endereços que o autor habitou foi que não se sabia a que ano se referenciava a numeração dos endereços identificados nos biógrafos relacionados anteriormente. Desta maneira, buscou-se, em fontes primárias, a indicação dos endereços, de forma a se vincular a numeração a uma data específica. O resultado desta pesquisa encontra-se descrito abaixo.

4.1.1. Rua Nova do Livramento, nº. 131 - Morro do Livramento.

Não se sabe ao certo onde a família morava quando o autor nasceu, em 1839. O que se sabe é que, quando da morte de sua irmã em 1845, a família residia a Rua Nova do Livramento, nº. 131. É provável que o casal tenha adquirido esta casa ao nomear os proprietários da Chácara do Livramento padrinhos de seus dois filhos. Esta informação se encontra em diversos biógrafos consultados, tais como FONSECA (1960), VIANA FILHO (1984), MAGALHÃES JR. (1981) com a indicação de que foi adquirida na edição de 1845 do *Almanak Laemmert*, do qual seu pai Francisco José de Assis era assinante.

Desta maneira, temos identificado o primeiro endereço onde residiu Machado de Assis: Rua Nova do Livramento, nº. 131, no ano de 1845.

4.1.2. Rua São Luiz Gonzaga, nº. 48.

Há controvérsias no que diz respeito a este endereço. Não há consenso entre os biógrafos na definição de uma data na qual Machado foi para o bairro de São Cristóvão. FONSECA (1960) acredita que a mudança se deu após a morte da mãe do autor, provavelmente no ano de 1847.²⁰ Quanto ao endereço propriamente dito, somente MAGALHÃES JR. (1981) identifica o imóvel da Rua São Luiz Gonzaga, nº. 48 como uma das residências de Machado. Outros pesquisadores, como MIGUEL-PEREIRA (1955), informam apenas que Machado aprendeu o idioma francês nesta rua, com o padeiro da padaria de Madame Gallot. Outros como VIANA FILHO (1984) acreditam que até a informação dos estudos de Machado de Assis nesta padaria não é confiável.

Assim, como a presente pesquisa não conseguiu identificar nenhuma fonte primária ou algum autor que indicasse a origem desta informação, além da correspondência entre a

²⁰ Maria Leopoldina Machado de Assis morreu o ano de 1846.

data e a numeração do imóvel, decidiu-se por não se incluir este endereço na lista dos imóveis onde residiu Machado de Assis.²¹

4.1.3. Rua Matacavalos (atual Rua Riachuelo) - Centro.

MIGUEL-PEREIRA (1955) conta em sua biografia que Machado dividiu moradia com o amigo Ramos Paz no Centro entre os anos 1860 e 1869, assim que sua situação financeira começou a melhorar. Acrescenta ainda que esta informação foi recebida por Alfredo Pujol (biógrafo também estudado nesta pesquisa) diretamente do próprio Ramos Paz, quando vivo. Já MAGALHÃES JR. (1981) avança um pouco mais e consegue identificar a rua onde se localizava o imóvel compartilhado pelos amigos: Rua Mata-Cavalos, atual Rua Riachuelo.

Devido à ausência da sua numeração, este imóvel não pode ser localizado. No entanto, vale a indicação de que o autor residiu nesta rua na década de 1860.

4.1.4. Rua dos Andradas, nº. 119 - Centro.

Em 1869, Machado de Assis casou-se com Carolina e foi morar na Rua dos Andradas. FONSECA (1960) cita em sua biografia o nome da rua, contudo não indica a numeração do imóvel. Já VIANA FILHO (1984) e MAGALHÃES JR. (1981) informam que o imóvel era o nº. 119, no entanto, não informa a fonte na qual obteve esta numeração.

MIGUEL-PEREIRA (1955) confirma, em seu trabalho, o endereço da Rua dos Andradas e o vincula a uma data específica: 1869. Para tal, cita um bilhete escrito pelo próprio Machado ao amigo Ramos Paz, informando as dificuldades financeiras pela qual estava passando, na casa da Rua dos Andradas. A carta tem data de 19 de novembro de 1869 e foi publicada no Catálogo da Exposição de 1939, que comemorou o centenário de nascimento do autor.²²

A numeração pôde ser conferida na edição do ano de 1870 do *Almanak Laemmert*²³ que lista Machado como Ajudante de Diretor do Diário Oficial, publicado pela Tipografia Nacional e indica seu endereço: Rua dos Andradas, nº. 119. Como o *Almanak Laemmert* é uma edição anual e o casamento de Machado e Carolina se deu no final do ano de 1869, é bastante provável que não tenha havido tempo para incluir os dados do autor na edição de 1869.

²¹ Há ainda outra dificuldade: a Rua São Luiz Gonzaga não possui no Levantamento Cartográfico de 1870 a indicação de numeração dos imóveis, impossibilitando a identificação do imóvel atual (o método de localização será explicado mais adiante no texto).

²² O texto do bilhete encontra-se reproduzido no trabalho de MIGUEL-PEREIRA (1955), na página 116.

²³ A mesma informação se repete na edição do *Almanak Laemmert* de 1871.

Desta maneira, confirmamos mais um endereço do autor: a casa da **Rua dos Andradas, nº. 119 no ano de 1869** (numeração à época).

4.1.5. Rua Santa Luzia, nº. 54 - 2º andar - Centro.

Segundo MAGALHÃES JR. (1981), Machado e Carolina se mudaram para o 2º andar da Rua Santa Luzia, nº. 54 em 1873. No entanto, foram encontradas em outras fontes informações que indicam que o casal se mudou para o dito endereço no ano de 1871.

No acervo da ABL, consta uma carta de Gonçalves Crespo a Machado de Assis com data de 1871 endereçada a Rua Dona Luzia, nº. 54 - 2º andar. Acreditamos que o autor da carta, morador de Portugal, tenha se confundido quanto à nobreza da rua, trocando Santa por Dona.

Há ainda a informação encontrada na edição de 1872 do *Almanak Laemmert* na qual Machado está listado como Ajudante de Diretor do Diário Oficial, publicado pela Tipografia Nacional. O endereço indicado é Rua de Santa Luzia, nº. 54.²⁴ Assim como no caso anterior, da Rua dos Andradas, a edição anual do Almanaque justifica a defasagem de um ano dos endereços.

Desta forma, identificamos que o casal se muda para a **Rua Santa Luzia, nº. 54 - 2º andar no ano de 1871** (numeração à época).

4.1.6. Rua da Lapa, nº. 96 - Lapa.

MAGALHÃES JR. (1981) indica que o casal se mudou para a Rua da Lapa, nº. 96 no ano de 1874. A edição de 1874 do *Almanak Laemmert* confirma esta informação: Machado está listado como Ajudante de Diretor do Diário Oficial, publicado pela Tipografia Nacional. O endereço indicado é Rua da Lapa, 96 - 2º andar.

Já MIGUEL-PEREIRA (1955) informa que o casal morava na Rua da Lapa, nº. 96 e que em 1875 se mudou para Rua da Lapa, nº. 90, 2º andar. A edição de 1875 do *Almanak Laemmert* também trata desta mudança ao indicar a Rua da Lapa, nº. 90 como endereço do autor.²⁵ É muito pouco provável que o casal tenha se mudado para um imóvel na mesma rua, a probabilidade maior é que a numeração da rua tenha sido modificada.

²⁴ A informação se repete na edição de 1873 do *Almanak Laemmert*.

²⁵ Machado é citado na edição de 1875 do almanaque como Ajudante de Diretor do Diário Oficial, publicado pela Tipografia Nacional.

Conforme informa CRUVELLO (1979), em 1877, o nº. 96 e o nº. 98 foram modificados para nº. 90, ambos pertencentes a José Antonio de Oliveira e Silva e outros. Apesar de CRUVELLO (1979) datar a mudança somente em 1877, é bastante provável que ela tenha acontecido um pouco antes, em 1875.

Desta forma, identificamos que o casal se muda para a **Rua da Lapa, nº. 96 no ano de 1874** (numeração à época).

4.1.7. Rua das Laranjeiras, nº. 4 - Largo do Machado.

MAGALHÃES JR. (1981) informa que o casal se muda para a Rua das Laranjeiras, nº. 4 no ano de 1875. Já MIGUEL-PEREIRA (1955) comenta que o casal morava na Rua das Laranjeiras, mas não informa o número do imóvel. Esta informação é confirmada pela edição de 1876 do *Almanak Laemmert*²⁶ que indica o endereço do autor na Rua das Laranjeiras, nº. 4 (nesta edição, o autor se encontra listado como Ajudante de Diretor do Diário Oficial, publicado pela Tipografia Nacional).²⁷

Desta forma, identificamos mais um endereço do casal: **Rua das Laranjeiras, nº. 4 no ano de 1875** (numeração à época).

4.1.8. Rua do Catete, nº. 206 - Catete.

MAGALHÃES JR. (1981) e MACHADO (1998) informam em seu trabalho que o casal se mudou para a Rua do Catete, nº. 206 no ano de 1878. Esta informação é confirmada pela edição de 1879 do *Almanak Laemmert* que indica a Rua do Catete, nº. 206 como o endereço do autor.²⁸

No entanto, a pesquisa levantou um documento que indica uma informação diferente da apresentada anteriormente: foi encontrado no acervo da ABL um telegrama do Ministério da Agricultura, assinado pelo então ministro Manuel Buarque de Macedo, enviado a Machado e endereçado a Rua do Catete, nº. 284. Este telegrama tem data de 27 de junho

²⁶ Não esquecer da defasagem de um ano da informação do *Almanak Laemmert*.

²⁷ Este endereço se repete nas edições do *Almanak Laemmert* dos anos de 1877 e 1878. A diferença para a edição do ano anterior é que nesta, Machado está listado como Chefe de Seção da Diretoria de Agricultura do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Há ainda a indicação de que o autor possui a condecoração de cavaleiro da Ordem da Rosa.

²⁸ Machado se encontra listado no almanaque como Chefe de Seção da Diretoria de Agricultura do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Há novamente indicação de que o autor possui a condecoração de cavaleiro da Ordem da Rosa. Esta informação se repete até a edição de 1883, com exceção da edição de 1879, que não indica o endereço do autor.

de 1880.²⁹ Uma vez que esta informação contradiz todas as outras informações coletadas durante a pesquisa, decidiu-se por tomar o imóvel de nº. 206 como o endereço do autor.

Temos assim, mais um endereço confirmado - Rua do Catete, nº. 206 no ano de 1878 (numeração à época).

4.1.9. Rua Cosme Velho, nº. 18 - Cosme Velho.

MAGALHÃES JR. (1981) informa que o casal se mudou para um sobrado a Rua Cosme Velho, nº. 18 no ano de 1884. Informa ainda que o nº. 18 era um dos imóveis pertencentes à Condessa de São Mamede casada com Miguel de Novais, irmão de Carolina. Estes imóveis eram oito e ocupavam o trecho par da Rua Cosme Velho, do nº. 4 ao nº. 18. MAGALHÃES JR. indica sua fonte: CRUVELLO (1979). Ao consultarmos a obra de CRUVELLO (1979) verificamos uma incoerência: o novo nº. 18 (antigo nº. 20) não pertencia à Condessa de São Mamede, mas a Alfredo Candido Guimarães e outro.

Esta informação não pode ser correta, uma vez que, como dito anteriormente, é sabido que o imóvel para o qual o casal se mudou era pertencente à Condessa de São Mamede. VIANA FILHO (1984) reforça esta informação quando conta que o casal desocupou o imóvel da Rua do Catete por pedido do proprietário. Ao relatar a mudança, o autor cita uma carta de Miguel de Novais, irmão de Carolina, para Machado tratando da mudança para o sobrado da Cosme Velho (a carta tem data de 27 de março 1883). MIGUEL-PEREIRA (1955) também data a mudança do casal para a Rua Cosme Velho em 1883.

A mudança de data da ida do casal para o sobrado não soluciona a questão da propriedade do mesmo. Esta dúvida somente foi esclarecida pela informação contida na edição de 1884 do *Almanak Laemmert* que indica o endereço do casal como Rua Cosme Velho, nº. 14.³⁰ Ainda segundo o *Almanak*³¹, a numeração deste imóvel mudaria em 1901 para Rua Cosme Velho, nº. 18 - endereço exaustivamente conhecido e documentado. Esta mudança de numeração soluciona a questão da propriedade do imóvel: em CRUVELLO (1979) o nº. 14

²⁹ Há a possibilidade de este endereço ser de algum estabelecimento comercial que intermediasse a entrega. Como não havia tempo hábil, esta hipótese não foi confirmada.

³⁰ Machado se encontra listado no almanaque como Chefe de Seção da Diretoria de Agricultura do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Há novamente indicação de que o autor possui a condecoração de cavaleiro da Ordem da Rosa. Esta informação se repete até a edição de 1900.

³¹ A edição de 1900 do *Almanak Laemmert* lista Machado como Diretor Geral da Diretoria Geral de Contabilidade da Secretaria de Estado da Agricultura.

consta como pertencente à Condessa de São Mamede. Este endereço irá se repetir até o ano de 1907 (o ano de 1908, data da morte do autor, não foi consultado).³²

Desta maneira, concluímos que no ano de 1883, Machado de Assis se mudou para a Rua Cosme Velho, nº. 14 (numeração à época) e que, por volta do ano 1900, este imóvel se tornaria Rua Cosme Velho, nº. 18, endereço onde o autor faleceu.

4.2. A localização atual dos imóveis

A etapa da localização atual dos endereços identificados anteriormente apresentou uma série de dificuldades, uma vez que nem todas as mudanças de numeração pelas quais a cidade passou estão documentadas.

Diante das dificuldades encontradas na reconstituição das mudanças de numeração sofridas por estes imóveis, optou-se por localizá-los por meio dos levantamentos cartográficos realizados no século XIX. O levantamento mais importante e o mais utilizado nesta pesquisa foi o Levantamento Cartográfico da cidade do Rio de Janeiro realizado pelo setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no ano de 1870. Este levantamento cartográfico compreende toda a cidade e possui o desenho dos lotes e da projeção das edificações com suas respectivas numerações. Ao utilizarmos como fonte uma referência temporalmente mais próxima à numeração identificada, reduziremos consideravelmente a possibilidade de erro na localização dos imóveis.³³

Assim, tendo em mãos o Levantamento de 1870 e as plantas do Levantamento Aerofotogramétrico de 1997 e de 2000, pode-se identificar a localização atual dos endereços identificados na primeira etapa. Abaixo, serão apresentados os resultados encontrados para cada um dos endereços.

4.2.1. Rua Nova do Livramento, nº. 131 - Morro do Livramento (1845-).

³² Nas edições de 1901 e de 1907 do Almanak Laemmert Machado está listado como literato. As edições intermediárias não foram consultadas. No entanto, foi consultado o testamento do autor que tem data de 1906, pertencente ao acervo da ABL, que indica a Rua Cosme Velho, nº. 18 como endereço do autor. Há também na ABL uma vasta documentação com data do início do século XX que vincula o endereço da Rua Cosme Velho, nº. 18 ao autor.

³³ Para os casos dos endereços posteriores à renumeração ocorrida na década de 1870, continuamos a consultar a obra de CRUVELLO (1979), que indica todas as mudanças ocorridas nesta década.



Figura 3 - Atual nº. 211 da Rua do Livramento, local do imóvel no qual o autor morou no ano de 1845.

4.2.2. Rua dos Andradas, nº. 119 - Centro (1869-1871).

O imóvel de nº. 119 da Rua dos Andradas foi identificado na Folha 18 do Levantamento Cartográfico da cidade do Rio de Janeiro realizado pelo setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no ano de 1870. Observando as duas plantas (de 1870 e de 1997), identificou-se o atual nº. 147 da Rua dos Andradas - no quarteirão entre a Rua Leandro Martins e a Avenida Marechal Floriano - como o local onde morou Machado de Assis quando se casou com Carolina, no ano de 1869.

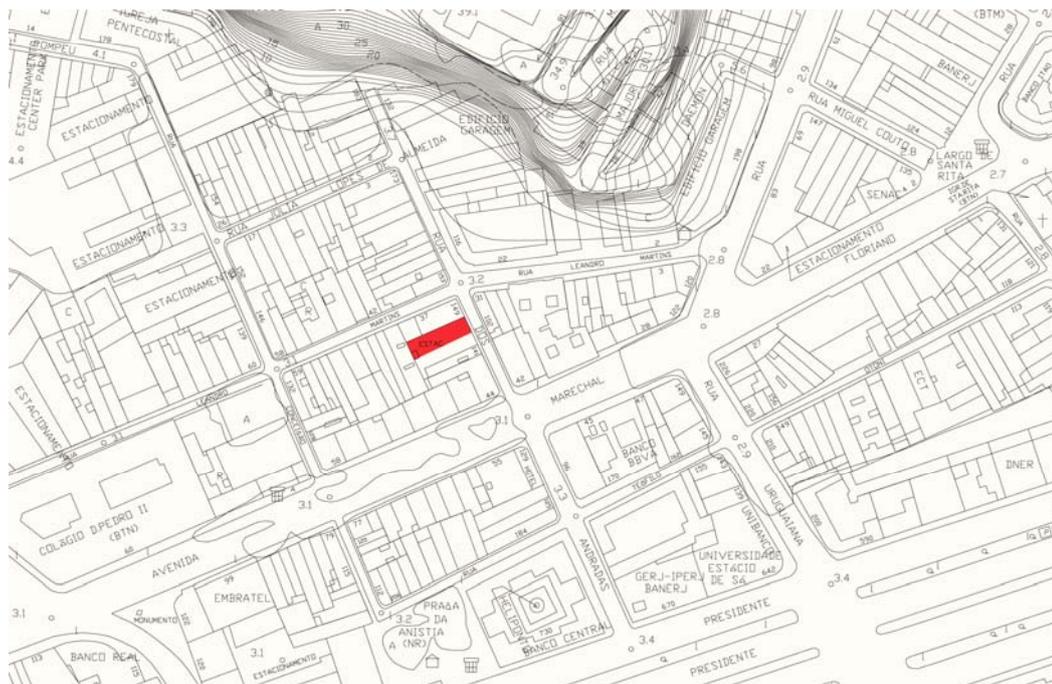


Figura 4 - Em vermelho, o local onde se localizava o antigo imóvel da Rua dos Andradas, nº. 119.

Do antigo sobrado que ocupa o atual nº. 147 da Rua dos Andradas só resta, atualmente, a fachada. Hoje a área correspondente ao nº. 147 e seu lote vizinho é utilizada como estacionamento de carros e o pavimento térreo da edificação foi alterado para possibilitar o acesso dos automóveis. No entanto, é possível identificar por meio dos arcos que permanecem na fachada, o antigo ritmo das aberturas. O segundo pavimento permanece conservado, com suas esquadrias de madeira e vidro com bandeiras e venezianas, além de um balcão apoiado em mísulas, com gradil em ferro. A edificação possui traços classicizantes que são evidenciados por seus traços retilíneos e pouco adornados. É provável que a fachada encontrada seja remanescente do momento no qual Machado habitou a região, em 1869.



Figura 5 - Atual nº. 147 da Rua dos Andradas, imóvel no qual o autor morou de 1869 a 1871.

4.2.3. Rua Santa Luzia, nº. 54 (2º andar) - Centro (1871-1874).

O imóvel de nº. 54 da Rua Santa Luzia foi identificado na Folha 39 do Levantamento Cartográfico da cidade do Rio de Janeiro realizado pelo setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no ano de 1870.

Utilizando o método de comparação dos dois levantamentos, localizamos que o antigo nº. 54 existiu onde hoje se situa o Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro (atual nº. 732), entre a Rua México e a Avenida Graça Aranha.



Figura 9 - Atual nº. 242 da Rua da Lapa, local do imóvel onde o autor morou de 1874 a 1875.

4.2.5. Rua das Laranjeiras, nº. 4 - Largo do Machado (1875-1878).

CRUVELLO (1979) diz que a mudança de numeração na Rua das Laranjeiras se deu em 1879. Como no caso da Rua da Lapa a renumeração ocorreu um pouco antes da data indicada por CRUVELLO, há a possibilidade do mesmo ter ocorrido aqui. Seguindo este raciocínio, buscamos o novo nº. 4, antigo nº. 6, sobrado pertencente a João da Costa Rego Monteiro.

O trecho no qual deveria se localizar o antigo nº. 6 da Rua das Laranjeiras foi identificado na Folha 60 do Levantamento Cartográfico da cidade do Rio de Janeiro realizado pelo setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no ano de 1870. Infelizmente, o lado par da Rua das Laranjeiras não possui indicação de numeração, o que impossibilita a localização exata do imóvel. No entanto, é possível estimar a numeração tendo por base o lado ímpar (numerado). Sendo assim, chegamos ao atual nº. 8 da Rua Gago Coutinho.

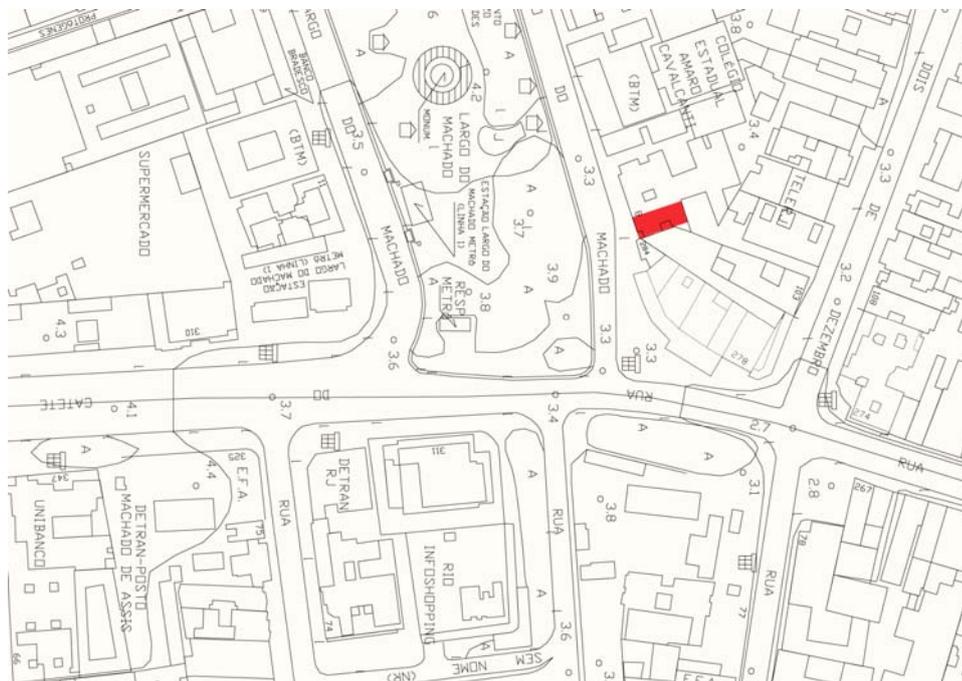


Figura 10 - Em vermelho, o trecho do atual nº. 8 da Rua Gago Coutinho onde se localizava o imóvel do autor.

Hoje, o imóvel que ocupa o local onde antes existiu o antigo nº. 6 da Rua das Laranjeiras é uma edificação mista de cerca de 10 pavimentos.



Figura 11 - Machado de Assis habitou um imóvel localizado no lado direito da edificação mista que ocupa o atual nº. 8 da Rua Gago Coutinho.

4.2.6. Rua do Catete, nº. 206 - Catete (1878-1883).

É bastante provável que o nº. 206 corresponda à numeração nova, até porque permanece sem alteração até 1883,³⁵ quatro anos após a renumeração indicada por CRUVELLO (1979). Desta maneira, chegamos ao antigo nº. 156 da Rua do Catete, uma edificação térrea pertencente a José Lopes Pereira Bahia Junior.

O trecho no qual deveria se localizar o antigo nº. 156 da Rua do Catete também foi identificado na Folha 60 do Levantamento Cartográfico da cidade do Rio de Janeiro realizado pelo setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no ano de 1870. Infelizmente, assim como no caso anterior, o lado par da Rua do Catete não possui indicação de numeração, impossibilitando mais uma vez a localização exata do imóvel. No entanto, tendo como base o lado ímpar da Rua do Catete, chegamos ao atual nº. 228 da Rua do Catete, um centro comercial.

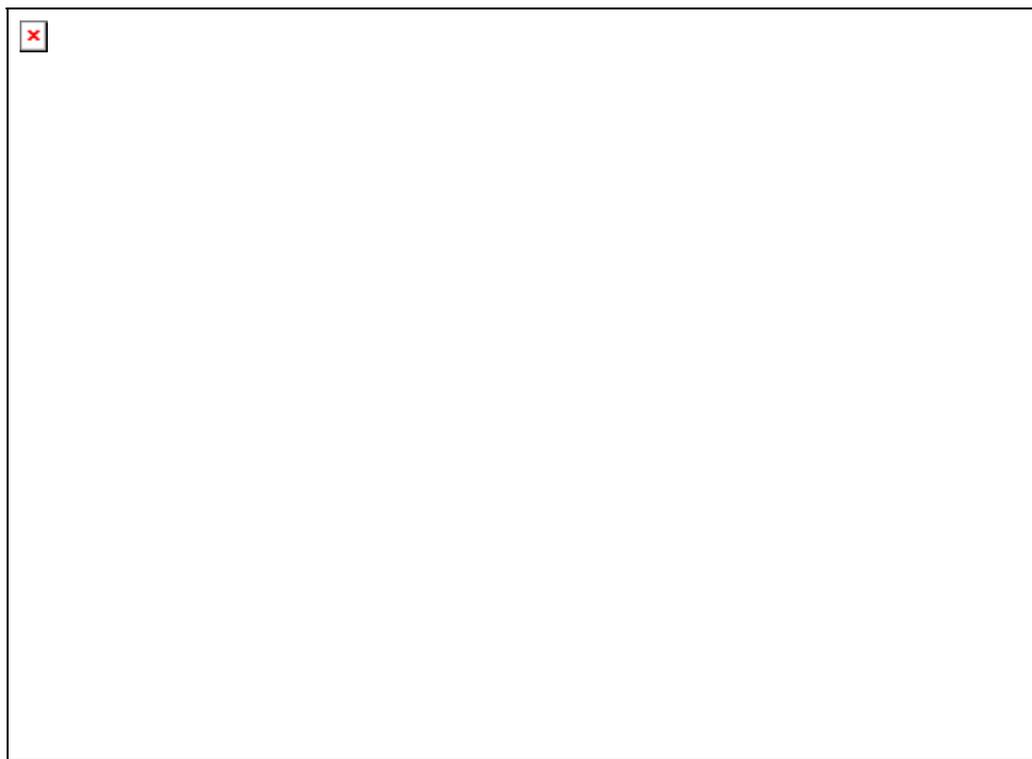


Figura 12 - Em vermelho, o Centro Comercial construído no local onde morou Machado de Assis.

No local identificado não há qualquer resquício de edificações que pudessem ser contemporâneas à passagem do autor pelo bairro. Hoje, o nº. 228 é uma edificação comercial de três pavimentos, onde até a década de 1960 se localizava o Cinema Azteca.

³⁵ Não há em CRUVELLO (1979) indicação de um antigo nº. 206.



Figura 13 - Atual nº. 228 da Rua do Catete.

4.2.7. Rua Cosme Velho, nº. 18 - Cosme Velho (1883-1908).

Machado habitou o imóvel da Rua Cosme Velho somente em 1883, data um pouco distante do Levantamento Cartográfico de 1870, que estamos utilizando como referência. No entanto, em relação a este imóvel possuímos outras informações, que nos possibilitam localizá-lo.

O primeiro indício que confirma que o sobrado se localizava no local é a extensa pesquisa de MAGALHÃES JR. (1981) que, como já explicado anteriormente, informa que Machado e Carolina foram vizinhos da Condessa de São Mamede³⁶. O imóvel da Condessa ainda existe e é o nº. 218 da Rua Cosme Velho³⁷, protegido pela APAC Cosme Velho. Há ainda, a carta de Miguel de Novais a Machado, transcrita por VIANA FILHO (1984), que indica que o casal estava se mudando para um dos chalés da Condessa.

Consta no acervo da ABL uma documentação que nos auxilia na localização do referido imóvel. São cartas trocadas entre Waldemar de Carvalho Motta e a ABL. Nesta correspondência, ambos estão a tratar do reposicionamento de uma placa comemorativa que a Academia havia colocado no imóvel em 1909. Em cartas de 28 de setembro de 1923 e de 31 de julho de 1925, Waldemar de Carvalho Motta informa que a abertura da Rua Marechal Pires Ferreira³⁸ pela prefeitura, tomou parte considerável do terreno da casa,

³⁶ O casamento de Machado e Carolina se deu em uma capela ainda existente, pertencente a esta casa.

³⁷ O endereço deste imóvel na época de Machado era Rua Cosme Velho, nº. 20.

³⁸ Foi verificado na SMU que a abertura da Rua Marechal Pires Ferreira foi projetada na década de 1920, o que confirma as informações da correspondência citada (ver PA 1531 DE 07/02/1924).

impossibilitando que o monumento em homenagem ao autor fosse instalado no local desejado.

Temos assim informações suficientes que confirmam a localização da casa: a residência da Condessa de São Mamede e a Rua Marechal Pires Ferreira. Desta forma, chegamos ao atual nº. 174 da Rua Cosme Velho - um edifício de apartamentos onde se encontra afixada a placa comemorativa, e que foi construído no local onde se localizava o sobrado nº. 18 da Rua Cosme Velho. Vale lembrar que a Prefeitura colocou há alguns anos uma placa comemorativa no local.

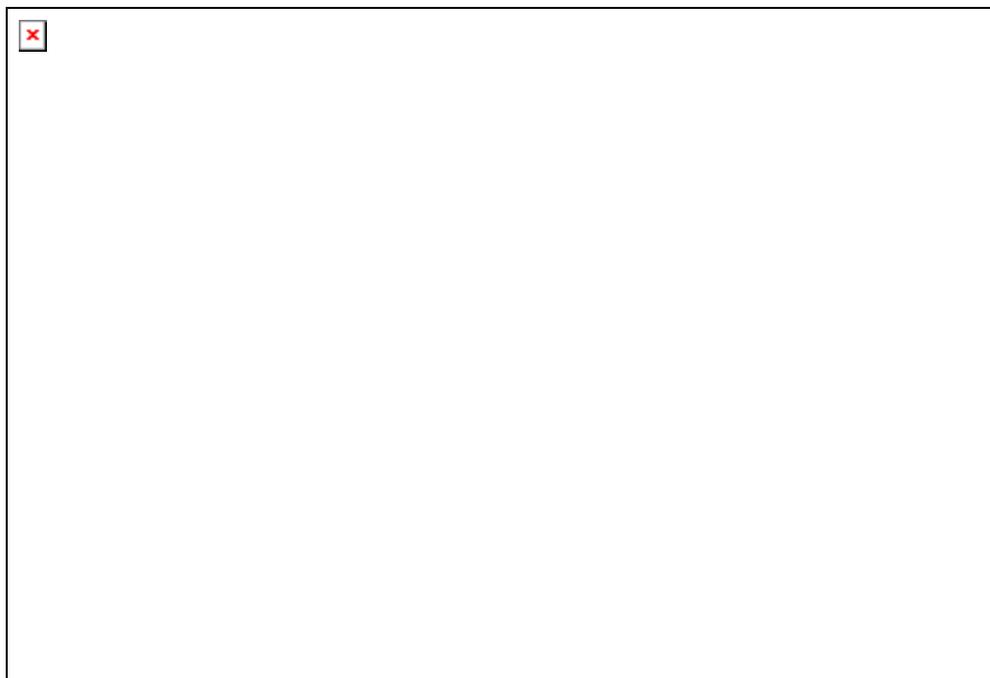


Figura 14 - Mapa da região (base: Levantamento Aerofotogramétrico de 1997). Em vermelho o imóvel construído no local onde se localizava o chalé da Rua Cosme Velho, nº. 18 (atual nº. 174). Em azul, a residência da Condessa de São Mamede, antigo nº. 20 da Rua Cosme Velho (atual nº. 218).



Figura 15 - Edifício nº. 174 da Rua Cosme Velho.



Figura 16 - Placa comemorativa existente.

A título de ilustração, foi colocada abaixo uma fotografia retirada de CARRER (1999) que mostra o antigo sobrado habitado por Machado de Assis.



Figura 17 - Sobrado nº. 18 da Rua Cosme Velho, onde morou Machado de Assis de 1883 até sua morte.

5. LISTAGEM DA SUA OBRA LITERÁRIA³⁹

5.1. Poesia

- **Crisálidas.** Musa Consolatrix; Visio; Quinze Anos; Stella; Epitáfio do México; Polônia; Erro; Elegia; Sinhá; Horas Vivas; Versos a Corina; Última Folha; Lucia; O Dilúvio; Fé; A Caridade; A Jovem Cativa; No Limiar; Aspiração; Cleópatra; Os Arlequins (Sátira); As Ondinas (Noturno de H. Heine); Maria Duplessis (A. Dumas Filho); As Rosas; Os Dois Horizontes; Monte Alverne; As ventoinhas; Alpujarra. Rio de Janeiro: B; L; Garnier, 1864.
- **Falenas.** Flor da Mocidade, Quando ela fala; Manhã de Inverno; La Marchesa de Miramar; Sombras; Ite Missa est; Ruínas; Musa de Olhos verdes; Noivado; A Elvira; Lágrima de Cera; Livros e Flores; Pássaros; O Verme; Um Vieux Pays; Luz entre Sombras; Lira Chinesa; Uma Ode de Anacrionte; Pálida Elvira; Prelúdio; Visão; Menina e Moça; No Espaço; Os Deuses da Grécia; Cegonhas e Rodovalhos; A um Legista; Estânicas a Ema; A Morte de Ofélia. Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1870.
- **Americanas.** Potira; Niâni; A Cristã-Nova; José Bonifácio; A Visão Jaciúca; A Gonçalves Dias; Os semeadores; A Flor do Embiruçu; Lua Nova; Sabina; Última Jornada; Os Orizes, Cantiga do Rosto Branco. Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1875.
- **Poesias Completas (Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais). Ocidentais.** O Desfecho; Círculo Vicioso; Uma Criatura; Artur de Oliveira; Enfermo; Mundo Interior; O Corvo (Edgar Poe); Perguntas sem Resposta; To be or not to be; Lindóia; Suave Mari Magno; A Mosca Azul; Antônio José; Espinosa; Gonçalves Crespo; Alencar; Camões; José de Anchieta; Soneto de Natal; Os Animais Iscados da peste; Dante; A Felício dos Santos; Maria; A uma Senhora que me pediu versos; Clódia; Velho fragmento; No Alto. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- **Carolina.** Poesia. São Sebastião do Rio de Janeiro: Philobiblion, 1957.
- **O Almada (Poema Herói-Cômico) em 8 Cantos.** Advertência; Canto Primeiro; Canto II; canto III, Canto IV, Canto V, Canto VI, Canto VII, Canto VIII.
- **Dispersas.** A Palmeira; Ela; Teu Canto; Um Anjo; Minha Musa; Cognac!; Minha Mãe; O Sofá; Vai-Te; Álvares d´Azevedo; Reflexo; A Morte no Calvário; Uma Flor? - Uma Lágrima; Condâi; A Augusta; Soneto Circular; Ícaro; Coração Perdido; Fascinação; O Casamento do

³⁹ Esta listagem compreende somente as datas das primeiras edições de cada obra.

Diabo; Hino Patriótico; A Cólera do Império; Daqui deste Âmbito Estreito; A Francisco Pinheiro Guimarães; À Memória do Ator Tasso; No Álbum do Sr. Quintela; Versos; Soneto; Naquele eterno azul; Daí à obra de Marta um pouco de Maria; Relíquia Íntima; A Derradeira Injúria; Réfus; Entra Cantando; Apolo!; A Guimar; Prólogo do Intermezzo (H. Heine); A Carolina; Soneto (no Álbum da Rainha D. Amélia); A Francisca.

5.2. Prefácios

- A Casa de João Jacques Rousseau. Por Ernesto Cybrão. Prólogo por Machado de Assis. Rio de Janeiro, Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1868.
- Poesias Póstumas. De Faustino Xavier de Novaes. Rio de Janeiro, tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1870.
- Névoas Matutinas. Versos de Lucio D. F. de Mendonça. Carta preliminar de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Editor Frederico Thompson, 1872.
- Harmonias Errantes. De Francisco de Castro. Com uma introdução de Machado de Assis. Rio de Janeiro, tipografia de Moreira, Maximino & C., 1878.
- Contos Seletos das Mil e uma Noites. Organizado por Carlos Jansen. Editores-Proprietários Laemmert & C. Rio de Janeiro, 1882.
- Sinfonias. De Raimundo Correa. Rio de Janeiro, Livraria Editora Faro & Lino, 1883.
- Meridionais. De Alberto de Oliveira. Rio de Janeiro, tipografia da Gazeta de Notícias, 1884.
- Miragens. Poesias de Enéas Galvão. Contém uma carta de Machado de Assis. Rio de Janeiro, tipografia de G. Leuzinger & Filhos, 1885.
- Tipos e Quadros. Sonetos de Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior. Rio de Janeiro, 1886.
- O Guarani. De José de Alencar. Rio de Janeiro, 1887.

5.3. Teatro

- Desencantos. Fantasia dramática. Paula Brito Editor. Rio de Janeiro, 1861.

- Teatro. Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1863. Contém as peças: O Caminho da Porta / O Protocolo.
- Quase Ministro. Comédia em 1 ato. Tipografia da Escola do Editor Serafim José Alves. Rio de Janeiro, 1864.
- Deuses de Casaca. Comédia. Tipografia do Imperial Instituto Artístico. Rio de Janeiro, 1866.
- Tu, só tu, puro amor... Lombaerts e Cia. Rio de Janeiro, 1881. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1980.

5.4. Crítica

Trabalhos de crítica literária, publicados por Machado de Assis em vários jornais e revistas, em que colaborou de 1858 a 1906: A Marmota, Diário do Rio de Janeiro, A Semana Ilustrada, O Novo Mundo, Correio Mercantil, O Cruzeiro, Revista Brasileira, Gazeta de Notícias e outros. Crítica Literária. Abaixo, segue índice dos artigos.

- Compêndio da Gramática Portuguesa, por Vergueiro e Pertence.
- À Memória de Pedro V, por Castilhos, Antônio e José.
- Memória acerca da 2ª Égloga de Virgílio, por Castilho José.
- Mãe, drama do Sr. Conselheiro José de Alencar.
- Desgosto pela política.
- Flores e Frutos, poesias por Bruno Seabra.
- Revelações, poesias de A. E. Zaluar.
- A Constituinte perante a história, pelo Sr. Homem de Melo.
- Sombras e Luz, do Sr. B. Pinheiro.
- Peregrinação pela província de São Paulo, por A. E. Zaluar.
- O Culto do dever, por M. J. de Macedo.
- Iracema, por José de Alencar.
- Inspirações do claustro, por Junqueira Freire.
- Cantos e Fantasias, por Fagundes Varela.

- Colombo, pelo Sr. Porto Alegre.
- Lira dos Vinte Anos, poesias de Álvares de Azevedo.
- Um Cuento Endemoniado e La Mujer Misteriosa, por Guilherme Malta.
- Instinto de nacionalidade por Fagundes Varela.
- O Primo Basílio, por Eça de Queirós.
- A Nova geração.
- Cenas da vida amazônica, por José Veríssimo.
- Garrett.
- Eça de Queirós.
- Eduardo Prado.
- Henriqueta Renan.
- Pensées détachées et souvenirs, por Joaquim Nabuco.
- Horas sagradas, por Magalhães de Azeredo.
- Versos, por Mário de Alencar.
- O Secretário del-rei, por Oliveira Lima.
- Prefácios:
- Névoas Matutinas, por Lúcio de Mendonça.
- Harmonias errantes, por Francisco de Castro.
- Meridionais, por Alberto de Oliveira.
- Miragens, por Enéias Galvão.
- O Guarani, de José de Alencar.

5.5. Crônica

- Histórias de quinze dias (1876 a 1877).
- Notas semanais (1878).
- Bolas de estalo (1883 a 1886).

- Bons dias! (1888 a 1889).
- A semana (1892 a 1897).

5.6. Romance

- **Ressurreição.** Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1872.
- **A Mão e a Luva.** Rio de Janeiro: E. Gomes de Oliveira, 1874.
- **Helena.** Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1876.
- **Iaiá Garcia,** Rio de Janeiro: G. Vianna, 1878.
- **Memórias póstumas de Brás Cubas.** Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- **Quincas Borba.** Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1891.
- **Dom Casmurro.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.
- **Esaú e Jacob.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904.
- **Memorial de Aires.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

5.7. Contos

- **Contos Fluminenses.** Primeiro volume: Miss Dollar / Luiz Soares / A mulher de preto / O segredo de Augusta / Confissões de uma viúva moça / Frei Simão / Linha reta e linha curva. Segundo volume: Casada e Viúva / Aires e Vergueiro / Quem conta um conto / Um homem superior / Nem uma nem outra / Onze anos depois / História de uma fita azul / To be or not to be / Conversão de um avaro / Dívida Extinta / A carteira / Uma carta / Curta história / Pobre Finoca! Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1870.
- **Histórias da Meia-Noite.** A parasita azul / As bodas de Luiz Duarte / Ernesto de Tal / Aurora sem dia / O relógio de ouro / Ponto de vista. Rio de Janeiro: B.L.Garnier, 1873.
- **Papéis avulsos.** O alienista / Teoria do medalhão / A chinela turca / Na arca / D. Benedita / O segredo do bonzo / O anel de Polícrates / O empréstimo / A sereníssima república / O espelho / Uma visita de Alcibíades / Verba testamentária. Rio de Janeiro: Lombaerts e Cia., 1882.

- **Histórias sem data.** A igreja do diabo / O lapso / Último capítulo / Cantiga de esponsais / Uma senhora / Singular ocorrência / Fulano / Capítulo dos chapéus / Galeria póstuma / Conto alexandrino / Primas de sapucaia / Anedota pecuniária / A segunda vida / Excâtedra / Manuscrito de um sacristão / As academias de São / Noite de almirante / A senhora do Galvão. Rio de Janeiro: B. L Garnier, 1884.
- **Várias histórias.** A Cartomante / Entre santos / Uns braços / Um homem célebre / A desejada das gentes / A causa secreta / Trio em lá menor / Adão e Eva / O enfermeiro / O diplomático / Mariana / Conto de escola / Um apólogo / D. Paula / Viver! Viver! / O Cônego ou metafísica do estilo. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1896.
- **Páginas Recolhidas.** Constam da publicação peças de gêneros diversos. Títulos da edição de 1899: O Caso da Vara / O Dicionário / Um Erradio / Eterno! / Missa do Galo / Idéias de Canário / Lágrimas de Xerxes / Papéis Velhos / A Estátua de José de Alencar - discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar / Henriqueta Renan / O Velho Senado / Tu só, tu, puro amor... / Entre 1892 e 1894: Vae Soli! / Salteadores da Tessália / A Cena do Cemitério / Canção de Piratas / Garnier. Títulos da edição de 1937: O Caso da Vara / O Dicionário / Um Erradio / Eterno ! / Missa do Galo / Idéias de Canário / Lágrimas de Xerxes / Papéis Velhos / O Velho Senado / Um Cão de Lata ao Rabo / Filosofia de um Par de Botas / Antes da Missa / Três Tesouros Perdidos / Elogio da Vaidade / O Califa de Platina / Uma Noite / A Estátua de José de Alencar - discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar / O Busto de Gonçalves Dias - discurso proferido no Passeio Público, ao inaugurar-se a herma do poeta em 2 de junho de 1901 / Saudação a Guglielmo Ferrero - no banquete oferecido pela Academia Brasileira ao historiador italiano em 31 de outubro de 1907 / Na Academia Brasileira, I / Discurso inaugural, II. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1899. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1937.
- **Relíquias de casa velha.** Primeiro volume: O volume contém peças de gêneros diversos; A Carolina / Pai contra Mãe / Maria Cora / Marcha Fúnebre / Um capitão de voluntários / Suje-se gordo ! / Umas férias / Evolução / Pílades e Orestes / Anedota do cabriolé / Páginas críticas e comemorativas: Gonçalves Dias - Discurso lido no Passeio Público, ao inaugurar-se o busto de Gonçalves Dias / Um livro / Eduardo Prado / Antônio José / Não consultes médico / Lição de botânica. Segundo volume: Valério / A mágoa do infeliz Cosme / O Astrólogo / Sem olhos / Um almoço / Um ambicioso / A herança / Folha róta

/ O Imortal / Letra vencida / O Programa / História comum / O Destinado / Troca de datas / Três conseqüências / Questões de maridos / Cantiga velha / O melhor remédio / Entre duas datas / Vinte anos! / Um incêndio / O País das quimeras. Rio de Janeiro; H. Garnier Livreiro-Editor, 1906.

- **Páginas Escolhidas.** Contos coligidos por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1921. Contém as seguintes peças: A Cartomante / Círculo Vicioso / Benefícios da Morte / Iniciação Filosófica / O Administrador Interino / O Almocreve / Flor da Mocidade / Pai contra Mãe / O Desfecho / A Revelação / No Alto / Missa do Galo / Fim de Jantar / Instinto de Nacionalidade / Visita do Marechal / Suicídio Malogrado / Erro / A Chinela Turca / A Mosca Azul / As Bodas de Guiomar / Iaiá Garcia / Versos a Corina / A Queda / A Pêndula / Um Perfil / O Enfermeiro / Traquinadas / A Gonçalves Dias / Olhos de Ressaca / Declaração / A Senhora do Galvão / Uma Criatura / O Imperador / A Tabuleta / Capitu / Apólogo da Agulha e da Linha; Adeus / Soneto de Natal / Uma Carta / O penteado / A Alucinação / O Corvo (Edgard Poe) / O Delírio / Entre Santos / O Pombal / Uma Senhora / Última Jornada / Projetos Matrimoniais / A Bordo / A Guiomar / Tu só, tu, puro amor... / D. Paula / A Sege / A Artur de Oliveira / A Vigília / Dom Casmurro / Fim de Rubião / Um Homem Célebre; Dois Retratos; Marcha Fúnebre; Niani; Do Memorial de Aires / O Relógio de Ouro / A Carolina / A Segunda Vida. Contém ainda textos esparsos.

5.8. Obras sob pseudônimo

- **As.** Trabalhos publicados na Marmota Fluminense no período entre 1856 e 1858, dentre eles um estudo sobre Monte Alverne. O texto se encontra nos números 768 e 769, de 4 e 6 de setembro de 1856 sob o título: Idéias Vagas __ Os contemporâneos __ Monte Alverne.
- **M.-as.** Trabalhos publicados em O Espelho (Rio, 1859-1860).
- **M. A. Machado** subscreveu um trabalho em O Espelho (Rio, 1859); alguns em A Marmota (Rio, 1860); grande parte de sua colaboração no Diário do Rio de Janeiro (os COMENTÁRIOS DA SEMANA, as CONVERSAS HEBDOMADÁRIAS, os folhetins AO ACASO, etc.) entre 1861 e 1865: uma poesia em A PRIMAVERA (Rio, 1861); um conto no Jornal das Famílias (Rio de Janeiro, 1864); quatro poesias (duas originais e duas traduzidas) na

Semana Ilustrada (Rio, 1869); uma poesia em A Luz (Rio, 1872), e alguns trabalhos em A Estação (Rio, entre 1882 e 1885).

- **M. de A.** Com estas iniciais aparecem subscritos alguns trabalhos, na Marmota Fluminense (Rio, 1859); no Diário do Rio de Janeiro (Rio, 1860 e 1864); na Semana Ilustrada (Rio, 1875); em A Estação (Rio, a partir de 1881); no Almanaque da Gazeta de Notícias (Rio, 1885); em A Semana (Rio, 17-7-1885) e no Almanaque das Fluminenses (Rio, 1890).
- **Dr. Semana.** Com este pseudônimo estão subscritos diversos trabalhos na Semana Ilustrada (Rio, 1860-1876), inclusive as crônicas sob o título de Baladas, que começam a aparecer no n. 445 do mesmo periódico (20-6- 1869), e prosseguem até o fim da publicação.
- **Gil.** Foi usado nos primeiros COMENTÁRIOS DA SEMANA, no Diário do Rio de Janeiro (Rio, 1861). A partir de 16-12-1861, tais artigos passam a ser subscritos por M.A.
- **M.** Com esta inicial estão subscrito alguns trabalhos na Semana Ilustrada (Rio, em diversas épocas, entre 1862 e 1874).
- **Sileno.** Pseudônimo usado na correspondência que Machado de Assis escreveu para a Imprensa Acadêmica, Jornal dos Estudantes de São Paulo (S. Paulo, 1864). Com ele subscreveu cinco artigos (não sabemos se mais, porque a coleção da B. N. é falha em alguns números), de abril a setembro de 1864.
- **J.** Esta inicial subscreveu o conto "Confissões de uma Viúva Moça", no Jornal das Famílias (Rio, abril a junho de 1865).
- **Job.** Com este pseudônimo subscreveu o autor dez peças, no Jornal das Famílias (Rio, entre out. de 1865 e set. de 1875), e duas "Cartas Fluminenses", no Diário do Rio de Janeiro (Rio, 5 e 12 de março de 1867).
- **J. J.** Estas iniciais subscreveram vários dos contos aparecidos no Jornal das Famílias (Rio, entre 1866 e 1875).
- **Victor de Paula.** Pseudônimo usado no Jornal das Famílias, em diversas épocas, entre 1868 e 1877.
- **Platão.** Com esse pseudônimo subscreveu Machado de Assis cinco artigos de críticas a Adelaide Ristori, no Diário do Rio de Janeiro, em julho de 1869.

- **Y.** No Jornal do Comércio (Rio, 29 de junho e 28 de agosto de 1870) foi publicada a poesia "Potira ___ (Fragmento de uma elegia americana)", subscrita por Y.
- **Lara.** Com este pseudônimo subscreveu Machado de Assis diversas peças, no Jornal das famílias (Rio, de 1872 a 1878), entre as quais o conto "As Bodas do Dr. Duarte" (junho e julho de 1873), incluído em Histórias da Meia-Noite (1873), com o título de "As Bodas de Luís Duarte".
- **Manasses.** Este pseudônimo foi usado em A Época (Rio, 1875) e na Ilustração Brasileira (Rio, 1876-1878). Em "A Época", revista de efêmera duração, figuram dois contos: "A Chinela Turca" e o "O Sainete". Na Ilustração Brasileira, firmou Machado de Assis, com o mesmo pseudônimo as crônicas intituladas HISTÓRIA DE QUINZE DIAS (posteriormente HISTÓRIA DE TRINTA DIAS), no período de 1-7-1876 a abril de 1878.
- **Eleazar.** Foi usado em O Cruzeiro (Rio, 1878). Um dos trabalhos subscritos por este pseudônimos, "Na arca ___ Três capítulos (inéditos) do Gênesis", foi incluído, pelo autor, em Papéis Avulsos (Rio, 1882).
- **Lélio.** Com este pseudônimo subscreveu Machado de Assis as suas crônicas na seção BALADAS DE ESTALO da Gazeta de notícias (Rio, 1883-1886) e um trabalho que foi publicado, sob o título "Antes a Rocha Tarpeia" no Almanaque da Gazeta de Notícias para 1887.
- **João das Regras.** Foi usado na seção "A+ B", crônicas dialogadas, da Gazeta de Notícias (Rio, 1886).
- **Malvolio.** Com este pseudônimo foram subscritas as crônicas rimadas, sob o título de GAZETA DE HOLANDA, na Gazeta de Notícias (Rio, 1887-1888).
- **Boas Noites.** Machado de Assis usou este pseudônimo para subscrever as crônicas intituladas BONS DIAS!, na Gazeta de Notícias (Rio, de 5-4-1888 a 29-8-1889).

6. BIBLIOGRAFIA

6.1. Fontes Consultadas

- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1864.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1865.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1866.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1867.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1868.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1869.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1870.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1871.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1872.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1873.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1874.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1875.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1876.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1877.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1878.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1879.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1880.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1881.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1882.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1883.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1884.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1885.
- Almanak Laemmert.* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1886.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1887.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1888.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1889.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1900.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1901.

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1907.

Coleção de documentos. Série: documentos institucionais. Autor: ABL. Local: Rio de Janeiro. Data: 20/02/1922. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Coleção de documentos. Série: documentos institucionais. Autor: ABL. Local: Rio de Janeiro. Data: 04/08/1925. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Coleção de documentos. Série: documentos institucionais. Autor: MOTTA, Waldemar de Carvalho. Local: Rio de Janeiro. Data: 06/06/1922. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Coleção de documentos. Série: documentos institucionais. Autor: MOTTA, Waldemar de Carvalho. Local: Rio de Janeiro. Data: 28/09/1923. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Coleção de documentos. Série: documentos institucionais. Autor: MOTTA, Waldemar de Carvalho. Local: Rio de Janeiro. Data: 31/07/1925. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Coleção de documentos. Série: Iconografia. Título: Fotografia da casa de Machado de Assis. Autor: não identificado. Data: não identificada. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Coleção de documentos. Série: Iconografia. Título: Fotomontagem retratando a casa de Machado de Assis e a saída do cortejo fúnebre da ABL. Autor: "A Manhã". Acervo Academia Brasileira de Letras.

Fundo arquivístico. Série: Comodato UFRJ/UNIRIO/ABL. Subsérie: documentos pessoais. Título: Testamento de Machado de Assis. Autor: Machado de Assis. Data: 31/05/1906. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Fundo arquivístico. Série: correspondência pessoal. Autor: CRESPO, Gonçalves. Local: Coimbra. Data: 06/06/1871. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Fundo arquivístico. Série: correspondência pessoal. Autor: MACEDO, (Manuel) Buarque de. Data: 27/06/1880. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Fundo arquivístico. Série: documentos pessoais. Título: caderneta bancária do Banco do Brasil em nome de Machado de Assis. Autor: Banco do Brasil. Local: Rio de Janeiro. Data: 18/09/1907. Acervo Academia Brasileira de Letras.

Levantamento Aerofotogramétrico realizado pelo Instituto Pereira Passos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro no ano de 1997.

Levantamento Aerofotogramétrico realizado pelo Instituto Pereira Passos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro no ano de 2000.

Levantamento Cartográfico da cidade do Rio de Janeiro executado pelo setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura no ano de 1870 e catalogado no acervo do Arquivo Nacional sob a referência 4M MAP 118.

6.2. Referências Bibliográficas

BASTIDE, Roger. *Machado de Assis, paisagista*. Revista do Brasil, 3ª fase, nº. 29, Ano III. Novembro de 1940.

BERGER, Paulo. *Dicionário histórico das ruas do Rio de Janeiro. Da Glória ao Cosme Velho*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart et alli. *História dos bairros. Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro: Editora Index, 1987.

CARRER, Aline; GLEDSON, John e MENEZES, Pedro da Cunha e. *Rio de Assis: imagens machadianas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CAVALCANTI, J. Cruvello. *Nova numeração dos prédios da Cidade do Rio de Janeiro*. Coleção Memória do Rio 6 - Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1979).

CUNHA, Danilo Fontenele Sampaio Cunha. *Patrimônio Cultural. Proteção legal e constitucional*. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

FACIOLI, Valentim. *Várias histórias para um homem célebre* in BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mário e FACIOLI, Valentino. *Machado de Assis*. Coleção escritores brasileiros - Antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1982.

FAORO, Raymundo. *O espelho e a lâmpada. A mimesis: a verdade na arte e na história. A dualidade de estilos* in BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mário e FACIOLI, Valentino. *Machado de Assis*. Coleção escritores brasileiros - Antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1982.

FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o hipopótamo. Biografia e análise*. São Paulo: Editora Fulgor, 1960.

GLEDSON, John. *Machado de Assis. Ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LE GOFF, Jacques. *Memória in Enciclopédia Einaudi, v. 1 Memória / História*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Tempo de Crise. Contos avulsos* in Machado de Assis. Obra completa. Volume II: Conto e Teatro. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguiar LTDA., 1959.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crônicas* in Machado de Assis. Obra completa. Volume III: Poesia, crônica, crítica miscelânea e epistolário. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguiar LTDA., 1959.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Discurso de encerramento na Academia Brasileira de Letras* in Machado de Assis. Obra completa. Volume III: Poesia, crônica, crítica miscelânea e epistolário. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguiar LTDA., 1959.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Discurso inaugural da Academia Brasileira de Letras* in Machado de Assis. Obra completa. Volume III: Poesia, crônica, crítica miscelânea e epistolário. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguiar LTDA., 1959.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Instinto de Nacionalidade* in Machado de Assis. Obra completa. Volume III: Poesia, crônica, crítica miscelânea e epistolário. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguiar LTDA., 1959.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memorial de Aires*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Quincas Borba* in Machado de Assis. *Obra completa*. Volume I: Romances. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Editora José Aguiar LTDA., 1959.

MACHADO, Ubiratan. *O enigma do Cosme Velho* in SECCHIN, Antônio Carlos et al (org.). *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Volume 1: Aprendizado. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Volume 2: Ascensão. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Volume 3: Maturidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Volume 4: Apogeu. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHÃES JR., Raymundo. *Machado de Assis. Desconhecido*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1955.

MARTINS, Carlos (curador geral). *A paisagem carioca*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

MELO, Gladstone Chaves de. *Radiografia de Machado de Assis*. Carta Mensal, Rio de Janeiro, 3-15, Outubro de 1986.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1955.

PALTI, Elias José. *O espelho vazio. Representação, subjetividade e história em Machado de Assis* in *A obra de Machado de Assis. Ensaios premiados do 1º concurso internacional Machado de Assis*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Governo Federal, 2006.

PEREIRA, Astrojildo. *Instinto e consciência de nacionalidade* in BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mário e FACIOLI, Valentino. *Machado de Assis*. Coleção escritores brasileiros - Antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1982.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis. Conferências*. São Paulo: Tipographia Levi, 1917.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

VIANA FILHO, L. *A vida de Machado de Assis*. Coleção Figuras do passado. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão Editores, 1984.

www.machadodeassis.net - Revista Eletrônica sobre Machado de Assis publicada pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Julho de 2008.

www.machadodeassis.org.br - Exposição organizada em comemoração ao centenário da Morte de Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras. Julho de 2008.

